



TEOLOGIA E MERCADO, PARALELOS PRESENTES ENTRE O FALSO PROFETISMO NO LIVRO DE MIQUEIAS E O MOVIMENTO NEOPENTECOSTAL BRASILEIRO

(Theology and Market, present parallel between the false prophecy in Micah book and
the Brazilian Pentecostal movement)

Élcio Bernardino Correia *

Mestrando em Teologia da PUC/SP

RESUMO

O artigo visa abordar fatores religiosos e sociológicos que favorecem o crescimento do neopentecostalismo no Brasil. Também tem o propósito de verificar certos elementos presentes no neopentecostalismo que são paralelos às práticas do falso profetismo descritas no Antigo Testamento. Este breve estudo se concentrará mais especificamente no livro de Miqueias.

Palavras-chave: Miquéias;
Neopentecostalismo; Mercado.

ABSTRACT

The article aims to address religious and sociological factors that favor growth of neopentecostalism in Brazil. It also aims to verify certain elements present in neopentecostalism which are parallel to the practices of false prophecy described in the Old Testament. This brief study will focus more specifically on the book of Micah.

Keywords: Micah; Neo-Pentecostalism; Market.



INTRODUÇÃO

Pretende-se ao longo deste artigo, contrastar certas cosmovisões e práticas neopentecostais diretamente com as Escrituras, mais diretamente abordando o livro do profeta Miqueias.

Como grande parte da população brasileira convive com problemas financeiros cotidianamente e é por formação, uma população religiosa, faz-se necessário, que este tema seja revisitado.

Além da utilização da Sagrada Escritura, o alvo é abordar os falsos ensinamentos e práticas questionáveis que se têm avolumado nos últimos anos no meio neopentecostal, mais especificamente nas três últimas décadas.

Procura-se responder às perguntas: a prática e os ensinamentos neopentecostais são legítimos ou têm alguma correlação com o falso profetismo denunciado na Bíblia?

Quais são as condições sociológicas que favorecem a disseminação do movimento neopentecostal no Brasil?

Pode-se traçar um paralelo entre certos elementos do movimento neopentecostal de hoje e o falso ensino dentro do profetismo do Antigo Testamento?

Enfim, seria salutar aos presbíteros atentarem para estes desvios ministeriais, a fim de salvaguardarem seus ministérios do rótulo: falso! E poderem com júbilo, formar coro com Miqueias ao dizer: “mas decerto eu sou cheio da força do Espírito do Senhor, e cheio de juízo e de ânimo, para anunciar a Jacó a sua transgressão e a Israel o seu pecado” (Miqueias 3,8).



1. PROFETIZANDO POR DEMANDA, A QUESTÃO DA POPULARIDADE

Como chegamos ao atual contexto evangélico brasileiro, permeado com bispos e bispas, apóstolos e apóstolas? Hoje, pode-se ligar a televisão em qualquer horário, literalmente falando e encontrar programas religiosos variados.

O famoso culto à personalidade grassa no contexto midiático; veem-se casos onde se passa da admiração e chega-se a quase devoção ao líder.

Pode-se olhar para os enormes templos das igrejas neopentecostais, e ver como estão constantemente lotados. Como se pode explicar ou avaliar tamanha popularidade? Felizmente não se está no escuro quando se trata de pentecostalismo no Brasil, têm-se um ótimo embasamento histórico que explica como se chegou ao atual cenário.

Em geral os estudiosos do assunto dividem em três “ondas” a chegada do pentecostalismo no Brasil, a saber¹:

1. A primeira onda começa em (1910) com a Congregação Cristã e Assembleia de Deus (1911). Igrejas com hierarquia forte.
2. A segunda onda, a partir dos anos 1950, inclui a igreja do Evangelho Quadrangular (1953), O Brasil para Cristo (1955), Deus é amor (1962), Casa da Bênção e outras menores. Igrejas contextualizadas com o movimento de urbanização da sociedade brasileira, já utilizando os meios midiográficos da época.
3. A terceira onda começa na segunda metade da década de 1970 e inclui a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), a Cristo Vive (1986), a Comunidade Sara a Nossa Terra (1976), a Renascer em Cristo (1986), a Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (1994), a Comunidade Cristã Paz e Vida (1996) e a Igreja do Avivamento Contínuo (2002).

Para que o assunto possa ser melhor esclarecido chegou-se ao ponto em que devemos definir o termo neo-pentecostal. Esse termo é oriundo dos EUA, usado para definir um movimento originado no pentecostalismo clássico, porém com algumas diferenças. No



neopentecostalismo as pessoas têm uma mentalidade pentecostal, mas buscam uma renovação espiritual enfatizando o exorcismo, cura divina, dons espirituais, profecias e uma forte ênfase na chamada “teologia da prosperidade”. Nos EUA a designação mais conhecida para tal movimento é “movimento carismático”². Campos faz a seguinte observação:

Assim como a classe operária foi o paraíso da sociedade de consumo, o pentecostalismo encontrou formas de acomodação no interior da velha cultura latino-americana e da nova sociedade de consumo, incorporando, no decorrer desse processo, símbolos, discursos e forças que emanam da religiosidade popular de origem ibérica, nativa dos indígenas e africanos mesclada com o fundamentalismo dos tele-evangelistas norte-americanos[...] Tal como o capitalismo, que procurou se alterar depois do advento da crítica marxista e da implantação do regime comunista em algumas partes do mundo, o pentecostalismo também foi forçado a abandonar a postura contracultura e a caminhar em direção a uma religiosidade acomodada em uma sociedade dominada pelo mercado neoliberal. Foi nesse lócus que surgiu o neopentecostalismo.

Como alguns autores já têm comentado, às vezes a linha divisória entre igrejas pentecostais e neopentecostais é quase imperceptível. Por exemplo, muitas igrejas consideradas de primeira e segunda ondas começam a adotar práticas originadas no neopentecostalismo a título de atualização ou mesmo competição (sic).

Por outro lado muitas práticas neopentecostais na verdade são roupagens novas do que já era praticado no pentecostalismo clássico. Já se passou de longe a época, na qual igrejas como a Assembleia de Deus e Congregação Cristã no Brasil constituíam a novidade, aliás, essas denominações alcançaram um crescimento notável em nosso país. Hoje, muitos líderes saem e organizam “suas” próprias igrejas copiando técnicas neopentecostais e quando conseguem se estabelecer no mundo evangélico, até conseguem estender uma rede de igrejas.

Pois bem, após essas definições, pode-se voltar à questão levantada pelo título do capítulo, a popularidade dos neopentecostais.



De onde vem tamanha popularidade? Respondendo em somente uma palavra, demanda. Exatamente, o neopentecostalismo não surgiu por acaso³, é fruto de diversos fatores, históricos, sociais, econômicos e religiosos.

O pesquisador Moreira explica que essas igrejas neopentecostais se expandem a partir do Rio de Janeiro e que se adaptam ao quadro do país no final do período militar que vivia em meio ao inchamento urbano, desraizamento cultural, estagnação econômica, existência de infraestrutura moderna de meios de comunicação, crise da Igreja Católica e da Umbanda. Ou seja, o neopentecostalismo não surge em um vácuo, e sim em um Brasil em mudanças político-estruturais que ainda padece de males profundos que se manifestam como que em um ciclo vicioso de desemprego, falta de educação, falta de assistência médica adequada.

Supõe-se que tais fatores agregados produzam uma demanda por igrejas que proponham soluções mais rápidas para quem esteja geralmente no “fundo do poço”.

Já quanto à popularidade dos apóstolos e bispos como figuras midiatórias para com Deus, também se procura embasamento bíblico. Como nos tempos de Moisés o povo ainda prefere um representante. Nessa mesma linha, já que é para ser representado, nada melhor do que anuir com os mais pomposos títulos à disposição.

Houve época em que o título de pastor, padre ou presbítero era uma honra enorme, mas hoje uma infinidade de adeptos se curva e se coloca sob a cobertura dos populares apóstolos, ou ao menos bispos. Geralmente esses títulos são autoconcedidos, de acordo com o que mais chama a atenção do “mercado” no momento. Pode-se observar, por exemplo, que geralmente essas igrejas funcionam em uma base “piramidal”, na qual tudo depende muito da centralização em um líder principal.

Outro modelo recorrente é a liderança compartilhada por um casal, como no caso da Igreja Renascer em Cristo, onde o “apóstolo” Estevan Hernandez e a “bispa” Sônia, casados, lideram uma rede de igrejas. Ou o “apóstolo” Valdemiro Santiago e sua esposa “bispa” Franciléia, líderes da Igreja Mundial do poder de Deus.



Em termos mercadológicos, pode-se catalogar a Igreja Bola de Neve (“Bola de Neve Church”), fundada em 1999⁴ e que em dez anos atingiu cerca de 3.000 participantes, cerca de 150 templos em todo o Brasil que liderados pelo “apóstolo” Rina, formado em Propaganda e Marketing, utilizou seus conhecimentos para criar um igreja atrativa para o público jovem, surfistas, skatistas e outros esportistas. Esta igreja, embora não ressalte a pregação da teologia da prosperidade, nem enfatize o confronto direto com o demoníaco faz uso enfático da linguagem mercadológica como se pode notar em Dantas⁵:

As igrejas neopentecostais adotaram a linguagem eletrônica e virtualizada, própria da sociedade contemporânea, para garantir sua sobrevivência e permanência em meio à racionalidade tecnológica...técnicas foram desenvolvidas para o gerenciamento da fé e a divulgação de produtos religiosos. O neopentecostalismo seguindo a lógica do sistema capitalista, inseriu-se na economia de mercado e utilizou estratégias de marketing para anunciar seus novos artigos na mídia eletrônica. Como agências da fé, as novas igrejas exibem suas mercadorias nas prateleiras das lojas...as linguagens imagética e virtual são ferramentas tecnológicas que inserem a Igreja Bola de Neve no mercado jovem, tornando-a forte concorrente da oferta religiosa.

Assim, pode-se alegar que os neopentecostais colocam as igrejas históricas em um “xeque-mate pragmático”; pois se por um lado pode-se voltar para um cristianismo mais solidário e direcionado às necessidades, um evangelismo mais holístico; por outro lado cogita-se se, jamais nossos templos estarão cheios como os deles, se não se partir para o clientelismo.

Sugere-se aos presbíteros de igrejas históricas, a não se perderem na síndrome do sucesso comparando suas igrejas com um cristianismo de clientela. A famosa e antiga ideia de que “se você não pode com eles, junte-se a eles” não deve ser considerada seriamente pelas igrejas históricas, a fim de que não se transformem naquilo que denunciam.

Campos comentando sobre uma das igrejas ícones do movimento neopentecostal, a Igreja Universal do Reino de Deus, explica claramente este profetismo de demanda⁶:



A IURD descobriu formas peculiares de atender a demanda por seus produtos. Neste aspecto, revelou-se a sagacidade de sua liderança, que percebeu a existência de um desequilíbrio entre “produção” e “consumo” de “bens religiosos” e que as entidades tradicionais de atendimento da demanda não mais estavam dando conta dessa situação de privação. Uma vez descoberto o que uma massa desejava por meio de seus vários segmentos, o passo seguinte foi o de procurar oferecer às pessoas o que elas estavam ansiosas por adquirir.

Muito bem, se as multidões estivessem vindo devido à verdadeira obra sobrenatural do Espírito Santo, sob convicção de pecados seria louvável.

No Antigo Testamento vemos o caso de Nínive, que após a pregação do profeta Jonas se arrependeu, multidões, na realidade, a cidade inteira.

No Novo Testamento, no Pentecostes o apóstolo Pedro prega ungido pelo Espírito Santo e milhares se converteram.

O problema é o afluxo de multidões que vêm, não devido à mensagem de arrependimento de pecados e sim devido à teologia do aqui e agora.

Como sugerem Waldo César e Richard Shaull, as igrejas neopentecostais têm refeito o paradigma da história da salvação. A releitura que fazem não confirma a hermenêutica tradicional de se passar das trevas para a luz, do pecado para o perdão. A mudança é pautada no campo material, casa, carro, empresa, poder comprar o que quiser. No primeiro se enfatiza como Jesus pode transformar uma vida no último a ênfase sempre repousa no poder de se ir à determinada igreja.

Uma igreja que prega o evangelho genuíno busca os perdidos ao invés de atraí-los. É questionável a filosofia eclesial que focaliza seu trabalho naqueles “que buscam” os “*sekkers*”, mesmo porque a Bíblia diz que sem a obra do Espírito ninguém buscará a Deus (Rm 3,10.23).

Quando se prega o evangelho prega-se o escândalo da cruz (Gl 5,11).

O apóstolo Paulo (1Cor 1,21-23) disse que os gregos buscavam a sabedoria, a sociedade brasileira, genericamente falando, não pode ser comparada com os gregos, em



nossa grande maioria não somos devidamente politizados nem educados. Paulo, no mesmo texto, também disse que os judeus buscavam sinais, aí sim vemos uma identificação perfeita com os brasileiros, somos tipicamente curiosos e afeitos ao espetacular.

Supõe-se que os fieis que lotam templos neopentecostais são a versão atual dos que clamavam por mais sinais aos pés da cruz. O Brasil clama por sinais e se esquece da mensagem da cruz.

Através do marketing e se valendo do rádio e televisão para convites ininterruptos os neopentecostais têm travado uma verdadeira batalha mercadológica, oferecendo “campanhas” e “correntes” sem fim. As ofertas vão desde uma “campanha da vida regalada” até “culto de desencapetamento total” (sic). Em tempos de doenças do bolso, do corpo e da alma, propostas assim formam uma estratégia de sucesso infalível. É o imediatismo para quem precisa exatamente do imediato.

As igrejas históricas pregam a fé, a esperança, e o amor. Esses valores parecem utópicos para aqueles que são estigmatizados como os que estão no fundo do poço. Para esses, uma teologia imediatista que proponha quase que o estabelecimento do céu na terra, constitui uma proposta mais atraente. Note o que comenta César⁷:

A promessa de Apocalipse 20,2, tomada literalmente em alguns modelos de pentecostalismo, simplesmente se reduz à realidade das vinte e quatro horas de um dia, uma vez que Satanás é amarrado diariamente, por vezes em vários cultos, mas, sobretudo no final das noites de sexta-feira na Igreja Universal. Como num “pronto-socorro dos acidentados espirituais” com plantão permanente, o pecador pode ser libertado do diabo a qualquer hora, ficando sob o domínio do reinado de Jesus. Não é preciso esperar pelo anjo nem pela eternidade. Embora o fim seja anunciado, contudo possa estar próximo, é possível antecipar-se ao milênio e renovar a vida aqui mesmo. O tempo é agora, determinado pela palavra, cujo poder está no atendimento das necessidades frequentes e normais da vida cotidiana (Weber). O diabo e Satanás do dia a dia é mais concreto do que o do milênio e deve ser amarrado (eliminado) sempre que se manifeste.



Na luta pela sobrevivência diária, pela qual muitos brasileiros passam não é de se admirar como igrejas neopentecostais que atuam no profetismo de demanda sejam tão populares.

Essas igrejas dependem tanto de sua popularidade, que se um estilo de líder demonstra carisma e conquista o povo, esse modelo é reproduzido quase como que em uma linha de produção. Tudo é copiado e reproduzido quando se trata da liderança, vestuário, gestos, trejeitos, idiossincrasias e até mesmo a entonação de voz. Dessa forma, os principais líderes solidificam a sua marca no mercado religioso por eles estabelecido.

2. PROFETIZANDO A MENTIRA, A QUESTÃO DA ESTABILIDADE

Assim como presbíteros hoje são remunerados a fim de que possam dedicar tempo integral ao ministério, os profetas da antiguidade também parecem ter sido, como afirma Riggs:

Era uma prática antiga e respeitável que um profeta aceitasse pagamento por serviços prestados a seus clientes (1Sm 9,8; 1Rs 14,3). Os profetas denunciados por Miqueias caíram na tentação de pregar de acordo com o bolso do cliente⁸.

Podemos ver então que o problema abordado pelo profeta Miqueias não era a remuneração em si, mas sim o temor em perdê-la.

O pastor deve ser fiel à sua mensagem, lutas e provações virão, mas não se pode negociar o ministério a título de estabilidade, sempre se deve lembrar que apesar do trabalho presbiteral, é Deus que dá o crescimento (cf. 1Cor 3,6).

A escolha tanto dos profetas do Antigo Testamento quanto dos presbíteros hoje é ser um pregador da Palavra, um legítimo doutor que toma o manto de Zenas em seu trato com a



Bíblia (cf. Tt 3,13) ou um “doutor em concupiscência eclesiástica” (cf. 2Tm 4,3) sujeito a ser um contador de fábulas que sempre agradam os ouvidos dos seus ouvintes, que já não são mais “rebanho” e sim “plateia”.

A questão então é o “encomendar” a mensagem a fim de se fazer um trabalho de manutenção.

Shaull comentando sobre o estilo de certas igrejas diz⁹:

O discurso pentecostal é factual e quanto mais ligado aos fatos, mais penetra no cotidiano. Na IURD da abolição (subúrbio do Rio), um pastor orava com fervor na forma que cito: “todos que vêm estejam garantidos. Dê prosperidade a este povo de fé. Um novo salário. Novo emprego. Casa própria”. E todos sacudiam para o alto ramos de trigo, símbolo de prosperidade. “Amanhã -continuava o pastor- tragam vinho, depois de amanhã o azeite”. Não se tratava do próximo Domingo, era no dia seguinte.

Constata-se que a oferta constante de campanhas e correntes são indispensáveis em um ambiente de participantes migratórios, o fluxo têm que continuar a fim de se manter o ministério estável. Presume-se que a maior parte da multidão que vemos nos templos neopentecostais é composta de pessoas em trânsito religioso, em outras palavras, não se trata de uma *membresia*, um povo fixo e sim pessoas tentando mais uma alternativa a sua disposição.

O falso profeta, em favor da comodidade de sua posição colocaria em detrimento qualquer palavra dura vinda do Senhor ao povo.

Assim os falsos profetas opunham-se a qualquer voz que interviesse na estabilidade da situação em que se encontravam. Apesar da disputa em saber quem fala em Miqueias capítulo 2 versículo 6, pode-se notar o clima de insatisfação com o pronunciamento do profeta Miqueias: “Não profetizeis”[...] é a vontade deles. Interessante notar que a palavra usada para profetizar aqui pode significar pingar, e foi usada figuradamente, das palavras que pingavam dos lábios do profeta (cf. Am 7,16).

Não é a primeira vez que um profeta é tido como perturbador do povo de Deus (por exemplo, 1Rs 18,17; Am 2,12; 5,10). Em outras palavras para aquele que quer ser fiel à



Palavra sempre terá que enfrentar uma constante inversão de valores e poderá ser alvo de críticas por ser “duro” ou “severo” e até ser sugestionado a não levar as coisas tão a sério. Corre-se o risco de descambar para o chamar o mal de bem e o bem de mal a fim de manter-se a estabilidade ministerial e não incomodar ninguém. Deve-se, portanto, haver policiamento, avaliação do teor da mensagem proferida.

A mensagem do verdadeiro profeta nem sempre era bem vinda, pois se constituía em um contraste gritante contra os falsos profetas, o que provocava um ataque bilateral, ou se preferirmos uma “guerra” entre a voz de Deus e o espírito de comodidade, como nota-se abaixo:

[...] como os seus contemporâneos Amós, Oseias e Isaías, o profeta Miqueias enfatizou a justiça e moralidade essenciais da natureza divina. Ele se preocupava em apontar que estas qualidades tinham implicações éticas imediatas para a vida do indivíduo e da comunidade¹⁰.

Em todo tempo Miquéias[...] foi compelido a defender-se dos falsos profetas, que viam seus avisos com pouca importância[...] antagonizavam o profeta em seus anúncios [[...]]. Em oposição a eles e suas predições de boas coisas. Miqueias anuncia o juízo através dos inimigos[...] em aberta declaração que Jerusalém e o templo seriam destruídos (3,12; 4,10; 5,1)¹¹.

Como podemos ver o povo em seu cinismo, ouvia os profetas conforme as suas próprias concupiscências e esses materialistas adotavam a “estável” política *lasaz faire_ou* “deixa como está para ver como é que fica”.

Na prática ministerial deve-se ter olhos para a avaliação e direção do Senhor e não se confiar na construção ou no grande número da paróquia/igreja local.

A estabilidade não pode enfraquecer o teor da mensagem exortativa nem motivar a que se faça vistas grossas ao pecado. Estes fatores têm levado muitos na vereda dos falsos profetas.

Em Miqueias 2,11 fica clara a pretensão do povo: alguém que não perturbe.

A palavra Hebraica para espírito neste versículo é (רִיחַ) e a despeito de sua forte conotação teológica em outros contextos, pode simplesmente significar “vento” como



símbolo de uma pregação vazia, assim a mentira é fruto da omissão descabida e ênfase nos assuntos materiais, como podemos notar nesse comentário:

A passagem (2,7-9) é baseada sobre a ideia contida em Lv 18,25.28, que a terra é contaminada com o pecado de seus habitantes[...] semelhantemente profecias não são bem-vindas para estes homens corruptos porque eles não querem ouvir a verdade[...] Eles gostariam de ter profetas que dizem somente mentiras (הולל) (הולל), caminhando após o vento, a construção é a mesma de (הולל) (הולל) em Is 33,15 e *ruach* é uma figura significando o que é vão ou indigno, conforme Is 26,18 e 41,29[...] As palavras (הולל) (הולל) são as palavras de um falso profeta: Eu te profetizarei acerca[...] O significado é que são figuras usadas para denotar bênçãos terrenas e prazeres carnis, as palavras se referem às promessas como Lv 26,4 e 5,10; Dt 28,4.11; Joel 2,24; 4,18, onde falsos profetas falavam ao povo sem nenhuma responsabilidade para com Deus¹².

A mentira é a tônica dessa mensagem, mas muitas vezes o homem prefere fabricar seu próprio deus e ouvir a mensagem que lhe agrada a despeito de não ser verdadeira. Tratando-se da popularidade, para manter a estabilidade nesse mundo, deve-se ter autoridade. Esta autoridade deve ser conquistada ou presumida. Assim geralmente o testemunho de seu chamado é algo fantástico. Quando o suposto sobrenatural chamado de Deus é usado como fator de confiança, abrem-se precedentes para seguir-se tal líder de forma incontestável.

Alguns no passado como Oral Roberts, famoso tele-evangelista dos EUA, chegam a dizer que, se não levantarem o dinheiro, Deus o levará. É claro que, colocada a questão nesses termos cai-se no subjetivismo, ou seja, muitos crerão que Deus realmente falou com ele. Porém quando as mesmas situações começam a ser satirizadas em filmes ou seriados, julga-se que o bom senso dita o que destoa do aceitável na questão ministerial.

Sugere-se que Deus, Todo-poderoso criador, dono do ouro e da prata, tenha questões muito mais definitivas a resolver do que ficar ameaçando de morte, os evangelistas que não consigam manter a audiência.

Nessa área de estabilidade ainda destaca-se o espírito de competição salientado entre as igrejas que chegam a ocupar espaços na mídia. Acusam-se mutuamente, mas procede-se de maneira paralela. Nota-se que o único motivo da denúncia não é ético, muito



menos o doutrinário e sim mercadológico, ou seja, a luta por uma fatia maior do bolo de fieis neopentecostais.

Como afirma Bitun¹³:

O apóstolo Valdemiro rebate veementemente a confissão positiva, ao mesmo tempo que parece apreciá-la. Em vários programas de televisão, ele conclama aos incrédulos e aos que já não têm mais fé a se dirigirem às suas reuniões. Desafia-os dizendo: [...] Se você não têm fé para ser curado, venha pela minha fé. Aqui você não precisa determinar, não precisa trazer sal grosso, venha pela minha fé [...]. Nessa fala fica clara a disputa no campo religioso neopentecostal envolvendo duas igrejas concorrentes: Igreja Internacional da Graça de Deus e Igreja Universal do Reino de Deus...Indivíduos que se localizam nas esferas da dominação fazem opções de conservação . Desacreditando a determinação pregada pelo missionário R.R. Soares e do sal grosso da Igreja Universal do Reino de Deus, o apóstolo Valdemiro Santiago ganha e acumula capital contra seus concorrentes. Assim, assim ele atrai fieis descontentes com os resultados negativos obtidos em outras igrejas...estabelecendo o trânsito religioso pelo contraste de resultados...Ao desautorizar outras neopentecostais como a IURD e IIGD sob a acusação de não pregarem o evangelho verdadeiro, o apóstolo as desqualifica e assume para si e sua igreja o status de uma verdadeira autoridade.

Pode-se ouvir programas de rádio onde o entrevistador geralmente pergunta sobre o problema da pessoa e depois sobre por quais igrejas ele já passou. Após as respostas o ouvinte é desafiado a tentar uma nova igreja, porque, finalmente, ali sim o problema será definitivamente resolvido.

Nessas entrevistas, geralmente a igreja, que o fiel está frequentando é denunciada e menosprezada. Esse processo de denegrir a imagem é uma tentativa de lucrar sobre os crentes nômades, a enorme massa que participa do trânsito religioso. A competição é tão grande, que como no comércio, as igrejas neopentecostais são estabelecidas, às vezes na mesma calçada a poucos metros. Como se pode ver, com um pouco competência e tino comercial, no mundo neopentecostal, “o sol nasce para todos”.

3. PROFETIZANDO VISANDO O LUCRO FINANCEIRO, A QUESTÃO DO PROFISSIONALISMO



Os falsos profetas estavam comprometidos com a sua estabilidade, produzindo assim, uma mensagem distorcida e mentirosa. Agora dando sequência à estrutura de Miqueias, podemos notar o pronunciamento de juízo a esses pseudo-profetas (cf. Mq 3,5-12) e continuar notando as suas características.

Duas frases destacam-se nessa parte: “[...] fazem errar o meu povo[...]” e “[...] adivinham por dinheiro[...]”.

הַנְּבִיאִים הַמְתַעֲבִים אֶת־עַמִּי

וְנְבִיאֵיהֶם בְּכֶסֶף יִקְסְמוּ

Nessas expressões, um *Hifil* causativo, e um *Qal* sublinham o ministério falso desses profetas.

Orr mais uma vez tece comentários a respeito:

A falsa profecia relaciona-se ao ideal nacional independentemente de qualquer qualidade espiritual, enquanto que a profecia verdadeira enfatizava a concepção espiritual da vida nacional [...]. Entre aqueles falsos profetas estavam os que falavam segundo o engano de seu coração (Jr 14, 13-14), aqueles que sem o dom verdadeiro profético davam uma mensagem e assumiam uma fala profética (Jr 23,28-31) e os que assumiam o papel profético a fim de ganhar bens materiais do povo (Mq 3,5). Estas profecias destes profetas auto-enganados faziam o povo errar [...]. O único teste era o caráter espiritual da profecia e este teste demandava um certo senso moral e espiritual que geralmente o povo não possuía. Consequentemente, em tempos de trevas morais, os falsos profetas prediziam boas coisas para a nação, independente de arrependimento, consagração e ideais espirituais e eram honrados acima dos profetas verdadeiros que enfatizavam a grandeza moral do Senhor e a necessidade de justiça para a nação¹⁴.

O *Hifil* usado em 3,5 (הַמְתַעֲבִים), fazer errar, desviar, (cf. Is 3,12; 9,15 e Ez 13,1-16) demonstra o pecado desses falsos ministros que faziam o povo errar por falhar na repreensão do pecado do povo. Aí está o profissionalismo, eles falavam o que o povo queria, ou seja, toda a sociedade estava montada sob um esquema forjado com conveniência e falsidade como diz Guthrie :



Os governadores e juízes inescrupulosos têm recebido suporte e encorajamento do clero, os profetas populares que pregam mensagens de segurança falsa e otimismo para aqueles que pagam bem. Mas aqueles que não trazem nenhum benefício financeiro para eles ou que não exercem nenhuma influência em seu favor tornam-se objetos de sua condenação [...]. A palavra hebraica para “mordem” é (*nasak*), que é normalmente usada para a mordida de uma serpente. Ao invés de serem homens de Deus e firmarem-se contra o pecado do povo estes falsos profetas têm se tornado profissionais que cuidam somente dos valores mundanos¹⁵.

Miqueias sugere o título de serpentes, Ezequiel de chacais (cf. Ez 13,4), pois era um ministério de interesse, ou seja, “paz” para os acomodados e guerra santa contra os oponentes.

Esses mercenários tinham como maior interesse o amor ao dinheiro, eram profetas mercenários (cf. Mq 3,11). Este tipo de trabalho era ineficaz (cf. Jr 6,13), pois ainda que os sacerdotes vivessem das ofertas e dádivas do povo, ainda cabia a eles ensinar a Lei gratuitamente (cf. Dt 17,8-10; 19,17; 21,5). Exigindo um pagamento, estariam impossibilitando estes serviços aos pobres.

Por tudo isso, Miqueias pronuncia o juízo de Deus (cf. Mq 7,1) começando com a palavra hebraica (וּבִשְׁתִּי), vergonha. Portanto, aqueles que cegavam o povo agora ficariam a mercê da escuridão e falta de mensagens (cf. Am 5,18; Sf 1,15; Mq 3,6). Em meio ao silêncio e impotência diante de uma emergência da nação, os falsos profetas poderão apenas cobrir os lábios em sinal de vergonha e horror como diz o seguinte comentário:

(*Bosh*) estar envergonhado, conectado com (*chapher*) conforme Jr 15,9; Sl 35,26 significa tornar-se pálido com vergonha¹⁶.

Sabe-se que o ministério pastoral demanda o “ser” e não apenas uma performance, quando a autenticidade se esvai do ministério, esse passa a ser um palco e o pastor/presbítero um ator. Enquanto Miqueias tinha a unção do Senhor os falsos profetas dependiam de uma falsa representação.



Como certos sacerdotes transformavam os holocaustos em um “abatedouro”, os falsos profetas caíram no mesmo erro, tornando automático o que deveria ser sagrado.

Elementos de falso profetismo presente nas igrejas neopentecostais, nesta análise estão bem presentes.

Supõe-se que as igrejas neopentecostais e principalmente suas lideranças, sofram de uma dupla sedução. Teologicamente falando a influência fortíssima da chamada “teologia da prosperidade”. Essa constitui uma sedução doutrinária, que deve ser ratificada ou refutada à luz das Sagradas Escrituras.

Já o segundo aspecto dessa sedução, trata-se da influência humanista do “pragmatismo”, onde o que importa é o que funciona. Essa sedução é tanto filosófica, portanto define o jeito de ser de determinada igreja e também mercadológica, pois é geradora de competição. Tanto a teologia da prosperidade quanto o pragmatismo, no contexto sobre o qual tratamos acabam recaindo em uma ligação muito perigosa, o uso do dinheiro.

Os profetas do Antigo Testamento, no tratamento de Miqueias, denunciam veementemente os líderes que usavam o dinheiro e o ministério para o seu próprio deleite (cf. Ez 34, 8.22). No Novo Testamento podemos encontrar a indefectível definição paulina de que “[...] o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males [...]” (cf. 1Tm 6,10).

Assim seria de muito bom tom que aqueles que se dispusessem a liderar ministérios, agissem com lisura de procedimentos.

Quem já participou da liderança de uma igreja ou em cargos de tesouraria ou ainda em comissões de exames de contas sabe que até mesmo em uma igreja relativamente pequena, deve-se ter muita sabedoria para administrar as entradas financeiras. Quanto mais em ministérios que geralmente operam em uma rede enorme de endereços. Esses ministérios poderiam ser chamados de ministérios com patentes, franquias, pois seus fundadores em geral operam como os detentores dos “direitos autorais eclesiásticos” de determinadas igrejas/marcas.



Observando-se o primeiro aspecto da sedução, podemos tentar definir a chamada “teologia da prosperidade”.

Como Barro comenta¹⁷:

Deus é visto como uma espécie de provedor de benesses e de prosperidade material para os fieis. Neste modelo de pensamento, todo cristão consagrado tem o direito de exigir de Deus uma vida financeiramente agradável, já adquiriu a posição de legítimo filho do Rei. Descrever os bens desejados, como casa, carro ou outra forma de consumo, tornou-se uma prática comum entre os evangélicos [...]. Se os cristãos sofrem dificuldades financeiras é porque não fazem ofertas suficientes para a obra de Deus. Essa é, portanto, a lei do retorno cem vezes maior. A regra espiritual das finanças, então, seria: se a pessoa quer mais, ela precisa dar mais [...]. Nos depoimentos que dão, os pastores adeptos do evangelho da prosperidade não escondem o orgulho de ver as igrejas sob o seu comando e eles próprios prosperarem financeiramente.

Trata-se de uma teologia retributiva, uma teologia da barganha com Deus, um estelionato da graça.

É a teologia da promessa, não promessa messiânica e sim promessa de imunidade. Mas a teologia da imunidade física, espiritual e material que é uma sandice quando comparada com a realidade afirmada pelo próprio Senhor Jesus (cf. Jo 16,33).

A Bíblia não esconde a grande prosperidade de certos personagens, mas também não esconde a pobreza de outros. Além do que a Bíblia também não esconde os reveses dos personagens ricos como Abraão, Isaque, Jacó, e o maior exemplo de todos, Jó. A vida já tem comprovado a todos, que riqueza não protege ninguém de outras dificuldades. Por exemplo, o rei Salomão foi tremendamente próspero, porém teve dificuldades espirituais (cf. 1Rs 1,8-9).

Um dos estudiosos deste assunto, Alan Pieratt, analisa profundamente o chamado “evangelho da prosperidade” e aborda principalmente os escritos do pastor americano Keneth Hagin. Esse homem tem influenciado fortemente pastores neopentecostais brasileiros, sobretudo R. R. Soares da Igreja Internacional da Graça de Deus e Valnice



Milhomens da Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo. Podemos sumarizar a teologia de Hagin através dos seguintes comentários de Pierrat¹⁸:

Chegamos agora às promessas centrais da doutrina da prosperidade: o direito que todo cristão tem de gozar de saúde e riqueza. Hagin não se cansa de dizer que as duas coisas representam sempre a vontade de Deus para o cristão [...]. Se a vontade de Deus é sempre que o cristão esteja bem, então [...] a doença nunca é a vontade de Deus para o fiel [...]. No campo das finanças, Hagin segue exatamente o mesmo raciocínio que utiliza em suas afirmações sobre saúde. A prosperidade financeira é um direito do cristão, pois faz parte da expiação efetuada por Cristo [...]. Assim como as enfermidades nunca representam a vontade de Deus para o fiel, da mesma forma a pobreza e as dificuldades financeiras de qualquer espécie. Deus quer somente o melhor de tudo para o cristão [...]. Hagin acha que é necessário corrigir a ênfase histórica que a igreja tem concedido ao lado espiritual da salvação, e isso pode ser feito dando-se destaque ao sucesso financeiro. Ele argumenta que a prosperidade espiritual é tomada por certo, enquanto a prosperidade financeira precisa ser mais pregada nos púlpitos.

Com essas bases teológicas como pano de fundo fica mais claro como justificar quase tudo no campo financeiro. Só que a teologia da prosperidade é reducionista; para se crer em suas teorias precisa-se eliminar diversos trechos das Escrituras.

Geralmente as igrejas neopentecostais brasileiras transitam entre duas opções, ou possuem uma declaração doutrinária ortodoxa e acabam se desviando da mesma na prática ou assumem aberrações doutrinárias abertamente e procuram defendê-las biblicamente.

Através desses comportamentos chega-se aos escândalos e abusos financeiros.

Profetizar visando o lucro material é uma prática costumeira, e torna-se ainda mais corrente quando supostamente, é justificada biblicamente. Paulo o apóstolo diz que o obreiro é digno de seu salário, mas certamente ele não estava se referindo à construção de verdadeiros impérios lucrativos.

Nesse ponto pode-se lembrar do aspecto da sedução do pragmatismo, a Renascer em Cristo é um bom exemplo. Foi fundada em 1986 e hoje já conta com centenas de templos no Brasil e alguns no exterior, emissoras de rádio, canal de TV, fundação,



gravadora e um colégio. Colhe não somente adeptos, mas também diversos processos na justiça.

Romeiro, conceituado pesquisador evangélico, ao discorrer sobre o assunto em sua tese doutoral, que acabou transformando-se em livro comenta um dos muitos casos sobre decepção de ex-fieis da Igreja Renascer em Cristo¹⁹:

Fernando e Alice mencionaram que a igreja adota um sistema de cotas. Estevam Hernandes analisa as condições de uma igreja filial e decide se ela é capaz de arrecadar mensalmente determinada quantia em dízimos e ofertas. De acordo com as informações que Fernando e Alice receberam de diversos líderes da Igreja Renascer, Hernandes obriga o líder da igreja filial a entregar um cheque no valor por ele estabelecido como alvo para a igreja [...]. A questão financeira também pode definir o destino de uma filial. Se ela não conseguir arrecadar o que se espera dela, suas atividades são encerradas. Foi o que ocorreu com uma igreja da zona norte de São Paulo, embora houvesse boa frequência. Segundo pastor daquela filial, ela fora fechada por ordem de Hernandes sob a alegação que não dava lucro.

Observando-se o segundo aspecto da sedução das igrejas neopentecostais, pode-se analisar o pragmatismo corrente neste meio. Muitos dos líderes não têm formação teológica formal. Às vezes são pessoas que vêm do mundo empresarial.

Dá-se a impressão que o que se precisa é ter certo “capital” para se entrar nesse “ramo” religioso. “Vamos abrir uma igreja para ficarmos ricos?” transformou-se em uma frase corriqueira nos anos noventa, tamanha a velocidade com que essas redes multiplicam-se.

Veja como que a figura pastoral fica desgastada quando a ênfase do ministério é o dinheiro, note outro comentário de Romeiro²⁰:

O líder neopentecostal distanciou-se da figura do pastor pentecostal de décadas anteriores. Antes a preocupação principal era visitar os enfermos, ler a Bíblia e orar a fim de preparar as pregações e atender, coletiva e individualmente, às necessidades dos membros da comunidade. Hoje o líder neopentecostal, com algumas exceções, precisa ser especialista em marketing. Precisa sair-se muito bem diante das câmeras de TV. Quase não atende à comunidade, ainda que dela dependa constantemente para custear seus desejos e projetos, sempre muito caros e demandando grandes somas de dinheiro [...]. Os recursos são usados para a construção de prédios, aquisição



de equipamentos, viagens e compra de horários em emissoras de rádio e TV. Não há muita preocupação com missões, com discipulado nem o crescimento espiritual e doutrinário dos adeptos. Todo o investimento deve ter retorno imediato, seja no aumento do número de adeptos, seja no incremento financeiro. Um programa missionário ou de outra natureza que, ao longo prazo, apenas resulte em despesa e não em lucro financeiro para o ministério, não despertará interesse.

Portanto, o neopentecostalismo equilibra-se nesses dois pilares: teologia da prosperidade e pragmatismo. Esses fatores são retroalimentadores: teologicamente proclama-se uma vida onde casas de luxo, carros importados e uma saúde irretocável é o padrão.

O neopentecostalismo transforma as igrejas em empresas e assim as qualificações pastorais são diluídas pelo talento daqueles que produzam, tragam lucro para as “franquias”. Tanto é que tendo, certo talento, sabendo falar bem e possuindo certa posição na sociedade já constitui uma possibilidade para adentrar direto para a liderança de certas igrejas. O que importa é o retorno que o indivíduo possa dar.

4. PROFETIZANDO ATRAVÉS DO SINCRETISMO RELIGIOSO, A QUESTÃO DA NOVIDADE

Hoje em dia muitos pastores têm pregado uma mistura de verdade e erro que inclui coisas como pensamento positivo, regressão, psicologia e a nova era.

Interessante que essas questões não são novas. Aliás, o próprio contexto histórico do livro de Miqueias possui fortes raízes sincretistas.

A verdade misturada com o erro é ainda mais perniciosa, pois é mais sutil, ou seja muitos rejeitarão “o leão que brama feroz” mas aceitarão o “anjo de luz”.

Interessante notar como Miqueias se refere aos falsos profetas, ele usa o termo

(הַהֲזִינִים) “videntes”, um termo legítimo usado para os profetas do Antigo Testamento, mas também os chama de (הַקִּדְמוֹנִים) “os que adivinham”(cf. Mq 3,7).



Feiberg comenta: “a palavra adivinhar nunca é empregada no Antigo Testamento com bom sentido. À semelhança de Balaão e outros profetas pagãos”²¹.

Segundo a ISBE, a arte da adivinhação foi passando de povo para povo desde a Babilônia até Roma, e ainda a Grécia através de práticas ocultas como observar os animais ou suas entranhas, interpretar sonhos, observar a formação das nuvens. Ou seja, um aglomerado de magia que infelizmente acabou por seduzir o povo de Deus. Em contrapartida, as ordens de Deus a respeito a essas questões são claras (cf. Is 8,19; Nm 23,23).

Infelizmente o ocultismo invadiu Israel como podemos ver nos livros que são o pano de fundo de Miqueias (cf. 2Rs 15,32-38), vemos o bom rei Jotão tolerar os “altos” que eram lugares de adoração idólatra. Em 2Rs 16, Acáz, ajudado pelo sacerdote Urias, edifica um altar à semelhança dos pagãos com interesses idólatras e políticos. No capítulo 18 de 2Rs, vemos o bom rei Ezequias tirando os altos e até eliminando um objeto cúlrico, que surpreendentemente durara até aqueles dias!

Ao observar-se Miqueias (cf. 5,12 e 6,16), ratifica-se que a idolatria havia se instalado no seio do povo escolhido. Miqueias traça uma sequência macabra: feitiçarias, agoureiros, estatutos de Onri, obra da casa de Acabe.

Notemos o comentário:

O autor de Reis avalia Onri religiosamente, concluindo que foi pior que todos os seus predecessores (2Rs 16,25). Onri iniciou uma política de tolerância quanto à religião Cananita, introduzida em Israel chegando à coorte. Com o casamento de Acabe com uma princesa Fenícia, o culto Cananita obteve um poderoso impulso estendendo-se até Judá (Mq 6,16)²².

Falsos deuses como Baal tornaram-se uma sumidade entre o povo, assim desde o palácio até o cidadão comum havia quem se curvasse diante de falsas práticas e falsos deuses. Muitos católicos romanos professos, também, se dizem adeptos do espiritismo, ainda que haja crenças irreconciliáveis entre as duas religiões, por exemplo, a reencarnação. Porém atualmente são os evangélicos que têm se sincretizado com



práticas escusas e inadequadas, tais como a confissão positiva, quebra de maldições. Quem mais chama a atenção é quem produz algo novo e atraente para o povo.

Realmente a teologia da novidade está em alta, presencia-se um reinado da má hermenêutica que vai da ênfase em demônios até o “vômito santo”, dos dentes de ouro até “riso santo”.

Um dos grandes perigos do movimento neopentecostal é usar a Bíblia de forma utilitarista, aos seus próprios interesses. Dessa forma não são pagos os necessários “pedágios hermenêuticos”. Diferenças entre Antigo e Novo Testamento, Israel e Igreja, alianças, propósitos dos milagres e outros diversos fatores são desprezadas, fazendo-se uso da Bíblia de forma indiscriminada e muitas vezes hermeneuticamente irresponsável.

Essa má interpretação bíblica corrente é refletida nas publicações evangélicas, muitas dessas endossadas e altamente recomendadas pelas lideranças. A Renascer em Cristo, por exemplo, tem recomendado irrestritamente as obras do tele-evangelista Benni Hynn, cujos ensinamentos têm surpreendido a todos com interpretações estranhas. Esse líder usa a “hermenêutica do pêndulo” estando ora de um lado ora de outro. Ele mesmo tem dado declarações dizendo-se arrependido de certos ensinamentos, para tempos depois voltar a ensiná-los.

Uma de suas obras mais famosas é “Bom dia Espírito Santo”, livro de ampla circulação no meio evangélico, que narra essencialmente o testemunho sobre o qual ele baseia suas reivindicações de ser um ministro ungido por Deus. Um dos muitos problemas do livro, ao menos no original em inglês, é que a partir da oitava edição mudanças foram feitas sem nenhuma satisfação aos leitores. As mudanças ocorreram após conversa de Robert Bowman, na época (1991), pesquisador do Instituto de pesquisas cristãs americano com o próprio Hynn e a editora Thomas Nelson. O livro de Hynn apresenta versões controversas sobre a Trindade.

Hynn defende a estranha tese de que cada membro da Trindade tem uma constituição separada constituída de espírito, alma e corpo. Ora ele diz que o corpo do Espírito é semelhante ao de Jesus, ora diz que é um “corpo espiritual”, isto acaba sugerindo um triteísmo aos seus leitores além de um ensino estranho à teologia ortodoxa. Afirma



também que Jesus não resistiria à tentação se não fora o Espírito Santo. Pergunta aos leitores o que poderia acontecer se o Espírito Santo mudasse de ideia sobre ressuscitar Jesus.

Apresenta ainda as práticas de Benny Hinn de fazer com que fieis “caiam no Espírito”. Mesmo com esses ensinamentos não ortodoxos, pode-se perguntar sobre o livro e a maioria dos neopentecostais reconhecerão o título ou recomendarão sua leitura.

A igreja Internacional da Graça de Deus recomenda altamente os livros de Keneth Hagin que propagam ensinamentos e práticas estranhas. Hagin, já falecido, mas com sua obra confiada a seu filho Keneth Hagin Jr., cita fatos inusitados como diálogos constantes com Jesus, conversas com demônios, arrebatamentos ao céu e a outros lugares durante as pregações e devaneios hermenêuticos tais como afirmar que se Jesus tivesse vindo em nossos dias usaria um Cadillac como meio de transporte. Seus livros têm títulos tais como o “toque de Midas”, daí pode-se imaginar o que os fieis irão aprender e disseminar.

Porém o sincretismo já tem dominado o mundo televisivo, atualmente (2014) se pode observar bispos da Universal pedirem peças de roupa de entes queridos para que sejam dados nós e desamarrados posteriormente, e também a prática de dar “passes de luz” nos fieis.

Interessante que essa igreja, insuperável em suas práticas sincretistas, tem copiado até a vestimenta espírita com bispos vestidos todos de branco e realizando a famosíssima “sessão do descarrego”.

A Universal conseguiu criar inclusive um novo ofício eclesiástico, este realmente original: o de Ex-Mãe de encosto, essas são mulheres que trabalharam anos a fio na prática ocultista dos trabalhos a serviço dos demônios. Essas mulheres ficam a disposição dos bispos a fim de explicarem a natureza desses trabalhos e suas consequências. No fim tudo é usado como vantagem competitiva, para salientar a esperteza da Igreja Universal no trato com os espíritos.



O profeta Isaías, já alerta no Antigo Testamento sobre os “[...] costumes do Oriente [...]” (cf. Is 2,6) e denuncia a idolatria presente em seus dias. Supõe-se, portanto que os líderes tenham como dever o denunciar essas práticas erradas. Porém não é isso que acontece no estranho mundo neopentecostal. Ali, se por um lado vê-se toda sorte de reprovação quanto às outras crenças, na prática o que encontramos é um amálgama de vários tipos de fé.

Abumansur²³ vai nesta mesma linha:

A relação entre o fiel e Deus acaba, pois, sendo conformada pela cosmovisão própria de religiões orientais que afirmam que nossas ações, nossos pensamentos, nossas palavras e principalmente, nossos desejos, têm efeitos diretos sobre a realidade espiritual, onde, de fato, está a origem e o destino de toda nossa vida neste mundo. Essa ideia, ao ser cristianizada, interpretou as promessas bíblicas como compromissos divinos para com os homens e transformou os homens em credores de Deus. Deus está preso ao que prometeu na Bíblia.

Assim os neopentecostais fazem uma espécie de reciclagem de crenças. Isso acaba por atrair fieis, pois uma das leis mais básicas do ensino é se partir de um ponto conhecido para um desconhecido. Assim, aquela pessoa que quer deixar um comportamento ou crença religiosa denunciada, sente-se confortável quando percebe que pode contar com algo similar, porém com o rótulo de “evangélico”. Nessa linha podemos apontar para o que diz Campos salientando certa ligação entre às práticas de igrejas neopentecostais (sua análise trata mais detidamente da Igreja Universal do Reino de Deus) e o Espiritismo quanto ao assunto da “energização”²⁴:

Venha para o nosso templo, há poltronas energeticamente abençoadas, esperando por você. Há também uma ‘mesa branca’ energizada. Vamos passar esta energia para você, e sua vida vai mudar”. Após uma música clássica ligeira, a emissora transmitiu mais um “testemunho de fé” diretamente do Brás, onde tinha acabado de acontecer a “corrente dos setenta pastores”[...]. A ligação entre a energia acumulada no templo e a vida cotidiana dos fieis pode ser feita com o intercâmbio de objetos “abençoados” [...]. O argumento usado pelos neopentecostais iurdianos, para explicar a “energia espiritual”, acumulada pelo templo, obedece à mesma lógica das explicações de Franz Anton Mesmer (1734-1815), que ensinava existirem campos invisíveis de energia transmitida por fluxos e ondas. Para ele, era



possível controlar e dirigir tais fluxos invisíveis de energias [...]. Portanto, milagres podem acontecer, desde que as pessoas manipulem e direcionem as energias para as suas próprias finalidades [...]. A mesma lógica acompanhou Allan Kardec, que algumas décadas depois, ao codificar os ensinamentos de mestres anteriores a ele, incluiu em seus trabalhos alguns pontos das explicações mesmerianas, principalmente a “teoria da água magnetizada” [...]. No kardecismo, “água magnetizada” pode levar consigo os sentimentos positivos ou negativos, que provocaram a sua vibração. Porém, se houve nesse processo a interferência de impurezas, elas devem ser eliminadas, através da purificação e do aperfeiçoamento dos sentimentos do agente magnetizador. Atitude semelhante é encontrada no neopentecostalismo quando diz que o pastor, antes de curar ou exorcizar, precisa estar “preparado espiritualmente”, isto é, praticar jejum e orações. Somente assim o toque de sua mão sobre o enfermo e a aplicação do “óleo abençoado” surtirão efeito.

Pode-se notar então que um ex-espírita que recebia “passes” ou frequentava sessões de “mesas brancas” agora poderá ter o seu similar evangélico. O fiel é energizado no templo, recebe materiais ungidos e pode desfrutar do poder que emana do local e dos objetos.

É claro que se utilizar de figuras do Antigo e do Novo Testamentos com uma finalidade pedagógica, é lícito e até muito recomendável, esse método foi usado em larga escala pelos profetas do Antigo Testamento e pelo próprio Senhor.

O problema é o da mistificação dos objetos. O fiel neopentecostal é ensinado constantemente a coisificar a sua fé. Isso é uma aberração que se choca até mesmo com a própria definição de fé, ou seja, o elemento não visível, não palpável, o elemento de confiança (cf. Jo 20,29; Hb 11,1). Talvez o ápice desta coisificação seja a atual réplica do Templo de Salomão construído pela Igreja Universal do Reino de Deus em São Paulo. Esta construção é chamada de apropriação e ressignificação dos símbolos veterotestamentários como “misticismo emblemático” por Throup²⁵ como segue:

Cremos que o resgate de símbolos veterotestamentários dentro do movimento neopentecostal é inteiramente consoante a filosofia mercadológica do mesmo...Está claro que o Templo de Jerusalém como símbolo que reaparece...não pode suportar a carga simbólica originariamente associada ao mesmo no contexto veterotestamentário. Primeiro, já que o interesse neopentecostal no Templo de Jerusalém não visa ao retorno do contínuo sacrifício de animais...a dimensão ritual do Templo se perde inexoravelmente. Em segundo lugar, já que o Santíssimo Lugar no Templo de Jerusalém tinha uma significância única como a exclusiva e particular



morada de Deus na terra, imitações neopentecostais não podem afirmar possuir este status...Em terceiro lugar, a construção de uma réplica do Templo de Salomão em São Paulo, por mais luxuosos que seja e por mais dinheiro que fature, não será o centro econômico e político do Brasil, novamente há uma discrepância no que diz respeito ao valor simbólico do símbolo nos seus contextos original e secundário...o Templo de Salomão na sua condição de símbolo é primeiro esvaziado da sua carga simbólica e em seguida reaproveitado onde passa por um processo de ressignificação... com a transparente ênfase na grandiosidade do projeto e o “espírito” de contribuir e “ficar rico”, está claro que o propósito do empreendimento é integralmente vinculado à teologia da prosperidade... O processo da apropriação e da ressignificação de símbolos veterotestamentários no contexto neopentecostal, tipificado no projeto...pode ser denominado...de “misticismo emblemático”. O misticismo emblemático descreve a prática na qual o símbolo ou emblema que traz em si uma riqueza de significados e nuances é divorciado do seu contexto original...reinserido em um novo contexto, para representar e comunicar algum sentido que não corresponde, ou que corresponde apenas parcialmente, à carga simbólica original...cria uma “ilusão de comunicação” à medida que se apodera de símbolos conhecidos, a serviço de uma agenda particular.

CONCLUSÃO

A vida urbana desestrutura os valores tradicionais, e este caos, por sua vez, pode promover um senso de profunda insegurança. A cultura de pobreza nas favelas da cidade destrói os relacionamentos familiares, transformando rapazes em marginais e moças que são levadas ao abismo da prostituição. Os neopentecostais veem este conjunto de circunstâncias como a obra de Satanás e oferecem exorcismo como remédio²⁶.

Essa é a visão de um americano, portanto vinda de um país acostumado com o neopentecostalismo. Já nessa obra da década de noventa, Page mata a charada do crescimento neopentecostal, ou seja, um conjunto de fatores sociais, culturais, religiosos que causam uma demanda.

Neste artigo pode-se sentir uma forte empatia com o profeta Miqueias. O propósito é colocar-se em seu lugar e sentir a necessidade de denunciar o falso profetismo. Verificar que o populismo que move as massas facilmente pode ser incutido no meio das igrejas históricas. Através do profetismo de demanda, o neopentecostalismo alcançou a popularidade. Como Miqueias, o sentimento é de preocupação com ministros pré-fabricados, com uma mensagem que mais agrada o povo e satisfaz seus anseios de



ouvir palavras de incentivo, profetas que transformaram o neopentecostalismo em mercado de trabalho e visam portanto a estabilidade.

Se o Senhor Jesus Cristo é a verdade, em contrapartida, no neopentecostalismo vale tudo, até mentir para se conservar o ministério. Já não causa mais surpresa, como Mamon tem tido seus dias de glória, bem no meio de igrejas evangélicas, o profetizar visando o lucro financeiro é a sedução número um do neopentecostalismo e é a mais destacada, pois é pretensamente justificável bíblicamente mediante hermenêuticas deturpadas.

O neopentecostalismo encontra nos brasileiros, os neoatenienses, loucos por novidades, assim, surja talvez o maior perigo do neopentecostalismo, o sincretismo religioso, que pode ir desde atos sincréticos até a sorradeira entrada dos elementos dos deuses do Oriente nas igrejas tudo em nome da novidade.

A novidade pode provocar trânsito religioso, mas não produz discípulos. Especialistas em produção de joio é o que não falta. Os semeadores neopentecostais parecem lançar a semente exatamente entre os espinhos, sua própria pregação baseada em prazeres e deleites dessa vida acabará por sufocar seus fieis (cf. Lc 8,14).

O neopentecostalismo transformou-se em um “negócio da religião popular”, portanto impera em nosso meio um interesse “simônico” (cf. At 8,17-20) pelo ministério lucrativo.

O neopentecostalismo mata o exercício dos carismas entre o povo de Deus, pois os dons são monopolizados pela liderança, assim igrejas são transformadas em telespectadores, quando em casa, e em auditório quando no templo. O dom mais enfatizado para os fieis, ou “associados”, é o de contribuir, assim semeia-se a heresia de definir a fé como “aquilo que Deus pode fazer por mim”. Dessa forma o neopentecostalismo tem distribuído “carnês” para os fieis onde as bênçãos são compradas em parcelas (sic).

Quisera tratar esse assunto de forma genérica, infelizmente não, tudo o que comenta-se aqui pode diariamente ser conferido nos diversos meios de sua disseminação. O pseudo-



profetismo vigora em nossos dias, os pastores/presbíteros enfrentam os mesmos problemas do profeta Miqueias, livro escolhido como base.

O (λαός) povo de Deus têm caído nos mesmos erros do passado do (׀ַ) povo do Senhor. Se havia serpentes e chacais no passado, hoje existem os lobos. Cremos que devemos atentar para os pontos básicos que identificam a falsa profecia no livro de Miqueias e assim avaliar a prática ministerial. Como o profeta, não deve haver intimidação e sim censura aos erros do atual neopentecostalismo tupiniquim.

BIBLIOGRAFIA

ABUMANSUR, Edin Sued. *NEOPENTECOSTALISMO: O fast food da fé. In Religiões no Brasil. Ciência, cultura, política e Literatura.* São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

BARRO, Jorge Henrique. *Uma igreja sem propósitos.* São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

BITUN, Ricardo. *Continuidades nas Cissiparidades: Neopentecostalismo Brasileiro. In Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro 2. Pentecostalismo e Neopentecostalismo.* São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

CAMPOS, Leonildo Silveira; *Teatro, templo e mercado.* Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Simpósio Editora e Universidade Metodista de São Paulo, 1997.

CESAR e SHAULL, Waldo e Richard. *Pentecostalismo e futuro das igrejas Cristãs.* Promessas e desafios. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. *Igreja Bola de Neve: um Fenômeno Neopentecostal? In Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro 2. Pentecostalismo e Neopentecostalismo.* São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

ENNS, Paul P. *Ezekiel, Bible Study Commentary.* Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1995.



FEINBERG, Charles L. *Os profetas menores*. São Paulo: Editora Vida, 1994.

GUTHRIE E MOTYER. *The New Bible Commentary revised*. Downers Grove, Illinois: Intervarsity Press, 1984.

GUTIÉRREZ, Benjamín F.; CAMPOS, Leonildo Silveira, *Na força do Espírito*. Os pentecostais na América-Latina: um desafio às igrejas históricas. São Paulo: Aipral, Pendão Real, Ciências da Religião, 1996.

HARRISON, R.K., *Introduction to the Old Testament*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1978.

MOREIRA, Alberto. *Neopentecostalismo*. Mercado de trabalho. Bragança Paulista: EDUSF, 1996.

KEIL,C.F.; DELITZSCH, F. *Commentary on the Old Testament*. Minor prophets, Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1979.

ORR, James. *International Standard Bible Encyclopedia*. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1942.

PAGE, Joseph A. *The Brazilians*. Menlo Park, Califórnia: Addison-Wesley Publishing Company, 1995.

PIERRAT, Alan B. *O evangelho da prosperidade*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

RIGGS, Jack R. *Micah, Bible Study commentary*, Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 1993.

ROMEIRO, Paulo. *Decepcionados com a Graça*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

THROUP, Marcus. *O Templo de Salomão em São Paulo? Sobre a ressignificação de símbolos veterotestamentários no movimento neopentecostal*. São Bernardo do Campo: Caminhando, Revista da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista. UMESP, v.16, n.1- p.1-189, Jan/Jun. 2011.

WOUDE, A.S. Vander. *The World of the Old Testament*, Wheaton, IL: Victor Books, 1982.



* Mestrando em Teologia da PUC/SP. Bolsista da CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa CNPQ: Questões de Deus, Líder: Profa. Dra. Maria Freire da Silva/ PUCSP

¹ ROMEIRO, Paulo. *Decepcionados com a Graça*. São Paulo, Mundo Cristão, 2005, p. 50.

² CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado*. Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal, 1997, p. 35, 36, 50.

³ MOREIRA, Alberto. *Neopentecostalismo; Mercado de trabalho*, Bragança Paulista: EDUSF, 1996, p. 20.

⁴ RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto; CUNHA, Danilo da Silva. *Bola de Neve: um fenômeno pentecostal Contemporâneo*. In *Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro 2. Pentecostalismo e Neopentecostalismo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. p. 215.

⁵ DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. *Igreja Bola de Neve: um Fenômeno Neopentecostal?* In *Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro 2. Pentecostalismo e Neopentecostalismo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. pp. 197-199.

⁶ CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado*. Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal, 1997, p. 53.

⁷ CESAR e SHAULL, Waldo e Richard. *Pentecostalismo e futuro das igrejas Cristãs*. Promessas e desafios, 1999, p. 112.

⁸ RIGGS, Jack R.. *Micah, Bible Study commentary*, 1993, p. 44.

⁹ CESAR e SHAULL, Waldo e Richard. *Pentecostalismo e futuro das Igrejas Cristãs*. Promessas e desafios, 1999, p. 76.

¹⁰ HARRISON, R.K., *Introduction to the Old Testament*, 1978, p. 921.

¹¹ ORR, James. *International standard Bible encyclopedia*, 1942, p. 2046.

¹² KEIL, C.F.; DELITZSCH, F. *Commentary on the Old Testament*, p. 319.

¹³ BITUN, Ricardo. *Continuidades nas Cissiparidades: Neopentecostalismo Brasileiro*. In *Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro 2. Pentecostalismo e Neopentecostalismo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. pp.131-132,178.

¹⁴ ORR, James. *International standard Bible encyclopedia*, Zondervan, Grand Rapids, Michigan, 1942, p.2046

¹⁵ GUTHRIE E MOTYER, *The New Bible Commentary Revised*, Downers Grove, Illinois: Intervarsity Press, 1984.

¹⁶ KEIL, C.F.; DELITZSCH, F. *Commentary on the Old Testament*, p. 320.

¹⁷ BARRO, Jorge Henrique (org.). *Uma igreja sem propósitos*, 2004, p. 149.

¹⁸ PIERRAT, Alan B.. *O evangelho da prosperidade*, 1995, p. 52-58.

¹⁹ ROMEIRO, Paulo. *Decepcionados com a Graça*, 2005, p. 152-155.

²⁰ ROMEIRO, Paulo. *Decepcionados com a Graça*, 2005 p. 64 e 70.

²¹ FEINBERG, Charles L. *Os profetas menores*, p. 153.

²² WOUDE, A.S. Vander. *The World of the Old Testament*, 1982, p. 52.

²³ ABUMANSUR, Edin Sued. *NEOPENTECOSTALISMO: O fast food da fé*. In *Religiões no Brasil. Ciência, cultura, política e Literatura*. São Paulo: Fonte Editorial, pp. 95-106.

²⁴ CAMPOS, Leonildo Silveira; *Teatro, templo e mercado*. Organização e marketing de um empreendimento neopentecostal, 1997 . P.129-131

²⁵ THROUP, Marcus. *O Templo de Salomão em São Paulo? Sobre a resignificação de símbolos veterotestamentários no movimento neopentecostal*. São Bernardo do Campo: Caminhando, Revista da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista. UMESP, v.16, n.1-p.1-189, Jan/Jun. 2011, pp.115-123.

²⁶ PAGE, Joseph A. *The Brazilians*, 1995. p. 378.